



SEÇÃO: ARTIGOS

Interpretação simultânea de Libras para o Português: a entonação expressiva em uma perspectiva verbo-visual

Simultaneous interpretation of Libras into Portuguese: expressive intonation in a verbal-visual perspective

Interpretación simultánea de Libras al portugués: entonación expresiva en una perspectiva verbal-visual

Ricardo Ferreira Santos¹

orcid.org/0000-0003-3794-5131

ricardo.libras1977@gmail.com

Recebido em: 13 abr. 2021.

Aprovado em: 29 nov. 2021.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: A atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais / língua portuguesa (TILSP), na esfera educacional, ou em qualquer outra, demanda articulações de cunho teórico-prático para que o enunciado/discurso em língua brasileira de sinais (Libras) possa ser compreendido por interlocutores. Nesse contexto, a *entonação expressiva* está presente na produção e percepção de cada palavra e do enunciado como um todo, tanto na fala vocal quanto na língua de sinais. Por essa razão, o objetivo deste artigo é analisar, na perspectiva dialógica verbo-visual e a partir de resultados obtidos na pesquisa de mestrado, a autoria e a produção de sentidos, por meio da *entonação expressiva* presente na interpretação simultânea (IS) de libras/língua portuguesa, na esfera conferência.

Palavras-chave: Interpretação. Entonação expressiva. Libras. Língua portuguesa. Verbo-visualidade.

Abstract: The portuguese/sign language interpretation and translation in the educational sphere, or in any other, demands articulations of a theoretical-practical nature so that the utterance/discourse in Brazilian sign language can be understood by interlocutors. In this context, expressive intonation is present in the production and reception of each word and of the utterance as a whole, both in vocal speech and in sign language. For this reason, the objective of this article is to analyze, from the verbal-visual dialogical perspective and from the results obtained in the Master's research, the authorship and the production of meanings, through the expressive intonation found in Brazilian Sign Language/Portuguese simultaneous interpretation, in conference sphere.

Keywords: interpretation. Expressive Intonation. Brazilian sign language-portuguese. Verbal-visual.

Resumen: El ejercicio del traductor e intérprete de lengua de señas/lengua portuguesa (TILSP), en el ámbito educativo, o en cualquier otro, requiere articulaciones de naturaleza teórica y práctica para que el enunciado/discurso en lengua de señas brasileña (Libras) pueda ser comprendido por sus interlocutores que no conocen esta lengua. En este contexto, la entonación expresiva existe en la producción y percepción de cada palabra y del enunciado en su conjunto, tanto en la oralidad/modalidad oral de la lengua como en el lenguaje de signos. Por ello, el objetivo de este artículo es analizar, en la perspectiva dialógica verbo-visual, y a partir de los resultados obtenidos en la maestría, la autoría y la producción de significados a través de la entonación expresiva existente en la interpretación simultánea (IS) de libras/portugués, en la esfera de conferencias.

Palabras clave: Interpretación. Entonación expresiva. Libras. Lengua portuguesa. Verbo-visualidad.



Introdução

Compreender as valorizações axiológicas na interpretação simultânea de libras (língua brasileira de sinais) para a língua portuguesa significa reconhecer complexas relações históricas e socioculturais, assim como embates ideológicos existentes na constituição das identidades que envolvem surdos, ouvintes e intérpretes. Um olhar dirigido ao panorama histórico que os envolve revela interações interdiscursivas intrínsecas e tensamente valorativas entre esses sujeitos sociais, inicialmente situadas nas atividades comunicativas familiares (informais), em seguida nas relações discursivas em ambiente religioso e, mais recentemente, nas interpretações em diferentes esferas de produção de discursos. Volóchinov (2017, p. 109) auxilia essa reflexão ao afirmar que a organização social entre indivíduos implica *formas de signos*:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação.

Entender a constituição de surdos e intérpretes de língua de sinais como atores sociais na atividade de inter-relação face a face, assim como as manifestações políticas, sociais e culturais em que estão constitutivamente inseridos e as relações conflitantes entre ouvintes² e o povo surdo³ – as quais podem ser vistas como relações de poder, de colonização, de paternalismo e audismo⁴ –, exige, por parte do analista, o conhecimento do processo histórico que os envolveu e os envolve, como esclarece Strobel (2008, p. 41):

Os aspectos próprios do povo surdo têm sido elaborados sempre sob o ponto de vista dos

ouvintes e não dos surdos que, quase sempre, são ignorados, desvalorizados enquanto sujeitos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades essenciais e de sua diferença: do ser surdo [...].

Para Skliar (1997, p. 115), sob a ótica dos colonizadores, tanto sob o aspecto clínico quanto educacional, os surdos são definidos como “linguisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos”. Esses processos de constituição conflitante e de relações de poder podem ser percebidos na atividade de interpretação e de tradução envolvendo a língua de sinais.⁵

Atualmente, de acordo com Ferreira-Santos (2018), constata-se um aumento da participação de surdos e ouvintes na posição de enunciadores, produzindo discursos em libras, em especial nos espaços educacionais. No entanto, nas mais variadas situações, para que esse ato enunciativo aconteça, faz-se necessária atuação do intérprete de língua de sinais/português (TILSP)⁶, responsável pelo processo de interpretação simultânea (doravante IS)⁷ de libras para a língua portuguesa. De maneira especial na IS, conforme diversos autores (NASCIMENTO, 2011, 2016; NOGUEIRA, 2016; SANTOS, 2013), alguns profissionais apresentam dificuldades no processo interpretativo simultâneo.

Considerando esses importantes aspectos, o objetivo deste artigo é, a partir de alguns dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado (FERREIRA-SANTOS, 2018), analisar autoria e formas de produção de sentidos, a partir da perspectiva dialógica verbo-visual, focalizando a entonação expressiva presente na IS de libras/língua portuguesa. Para tanto, foi escolhido o gênero palestra, situado na esfera conferência (acadêmico-científica). Desta maneira, esta pes-

² Ouvinte: palavra usada pelo povo surdo para designar aqueles sujeitos que não são surdos.

³ Sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tal como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, 2008, p. 29).

⁴ O termo audismo (*audism* em inglês) foi criado pelo professor americano Tom L. Humphries e se refere ao preconceito que a comunidade surda sofre por parte dos ouvintes.

⁵ Para uma visão desse processo histórico, consultar Ferreira-Santos (2018, p. 28-35).

⁶ O termo TILSP (tradutor e intérprete de língua de sinais/ português) será utilizado para designar o profissional dessa atividade, conforme regulamentação da profissão de tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais – libras, por meio da Lei 12.319/2010.

⁷ Na interpretação simultânea, a mensagem vai sendo reproduzida pelo intérprete conforme o orador emite o discurso, e a produção desse discurso para a língua de chegada normalmente tem um atraso de poucos segundos.

quiza pretende colaborar com os estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais (ETILS) e, também, com a com a formação dos tradutores e intérprete de libras

1 A autoria e o ato enunciativo-discursivo

A IS da libras para a língua portuguesa constitui-se em um ato enunciativo-discursivo no qual a informação produzida em uma determinada língua de partida, no caso deste artigo, a libras, é enunciada por um locutor (surdo ou ouvinte) e chega ao interlocutor, ouvinte, na língua de chegada, por meio do TILSP (NASCIMENTO, 2011). A IS é um processo que ocorre em um espaço e em um limite de tempo, envolvendo a libras (língua de partida) e a língua portuguesa (língua de chegada), produzidas simultaneamente, porém com algum tempo (*lag time*⁸) para o TILSP processar e reorganizar a informação recebida e posteriormente direcioná-la aos interlocutores. Para Christoffels e De Groot (2005), devido ao processamento das informações em tempo real, a modalidade de IS é um desafio para o desempenho do intérprete. Conforme Gile (1995, 2009) e Seeber (2011), o processo interpretativo simultâneo envolve componentes psicofisiológicos que se conectam diretamente com aspectos cognitivos, como a memória, a atenção, a organização e a capacidade de análises e sínteses, direcionados ao desempenho do TILSP.

No ato enunciativo entre libras (sinais) e língua portuguesa (vocal), portanto, é necessário ter presente a diferença entre as modalidades e as suas respectivas articulações e percepções. Nessas duas modalidades de língua, a produção e a recepção acontecem diferentemente: uma gesto-visual e outra vocal-auditiva. Sendo assim, no processo de IS, devido a essa diferença, o TILSP transita entre as duas modalidades, o que pode ocasionar alguns "problemas" na interpretação da Libras para a língua portuguesa, os quais, obrigatoriamente, têm de ser resolvidos no ato interpretativo. Para Ferreira-Brito (1995, p. 36):

[...] diferença básica entre as duas modalidades de língua não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço, e sim em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é a característica básica das línguas de sinais.

No meio educacional, os discursos produzidos em libras e interpretados em língua portuguesa para os interlocutores que desconhecem a língua de partida só produzem sentidos por meio da competência discursiva do TILSP, que é o sujeito responsável por dar voz (sonorização e entonação) ao discurso produzido (NASCIMENTO, 2011). Essa mobilização enunciativo-discursiva realizada pelo TILSP na interpretação envolve linguagem, sujeitos (locutor e interlocutores), relações verbo-axiológicas e intersubjetividade, materializados por meio de enunciados concretos (FERREIRA-SANTOS, 2018).

Segundo Bakhtin (2011, p. 10), "O autor é 'o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular'". No fluxo discursivo, o TILSP é um autor, pois é um sujeito ativamente responsivo na interpretação simultânea e se coloca em uma posição verbo-axiológica refratada e refratante, correspondendo ao que Faraco (2006, p. 39) afirma no sentido de que o autor-criador é "[...] uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida".

Em um determinado gênero discursivo, por meio da interpretação, o TILSP se enuncia, constrói sua posição discursiva e instaura uma inter-relação enunciativa entre locutor e interlocutores. Torna-se, assim, um novo autor de um discurso (vocal-auditivo) originado de outro discurso (gesto-visual) que já possui uma autoria. Ao orquestrar discursos entre uma língua de partida e uma língua de chegada, por meio de escolhas enunciativas, o TILSP assume a posição de autor,

⁸ O tempo que transcorre entre o *input* e o *output* correspondente.

criando um novo enunciado, o qual é tecido por diferentes discursos. O intérprete, nesse sentido, é um autor, na medida em que o enunciado/discurso em língua portuguesa não é o mesmo enunciado/discurso pronunciado pelo locutor primeiro: é um enunciado/discurso interpretado, que passou por sua consciência autoral.

Essa consciência autoral, no pensamento bakhtiniano, conforme Arán (2014), é "autoridade" na própria obra, uma dimensão presente em um texto, uma figura abstrata de mediação, representativa do autor-pessoa em um acontecimento único e irrepetível na vida de um texto. Assim, "O autor é essa consciência cronotopicamente situada na tangente, lendo holisticamente os conflitos de uma cultura na materialidade da realidade" (ARÁN, 2014, p. 17-18). No ato interpretativo, o TILSP assume um papel, uma posição enunciativo-discursiva, desse modo constituindo seu "próprio discurso" em língua portuguesa, tendo como base um outro enunciado/discurso, em Libras, e assumindo uma consciência neste ato, porém sempre na tensão com a palavra alheia, com as outras vozes, com "outras consciências".

2 Entonação expressiva e produção dos sentidos

Como acontece em qualquer língua, em qualquer enunciado, as formas linguísticas (fono-morfossintático-semântico-pragmático-discursiva) estão presentes na mobilização enunciativo-discursiva realizada pelo TILSP na IS. Assim sendo, a *entonação* é um dos aspectos enunciativo-discursivos presentes, que atua de maneira muito importante na produção de sentidos e nas relações comunicativas estabelecidas na interação. O conceito de entonação, definido por Hirst e Di Cristo (1998), por exemplo, pode ter sentido amplo ou restrito. Isto é, o primeiro sentido está relacionado à prosódia, abrangendo características de outros traços prosódicos, tais como tom, força, ritmo e tempo; o sentido restrito, por sua vez, refere-se à entonação ligada apenas às variações melódicas, ou seja, à melodia.

A perspectiva dialógica da linguagem também considera a entonação como um elemento

central da enunciação, do enunciado concreto, definidora da posição de um sujeito. Segundo Volóchinov (2017), a entonação é *um material de um dado conjunto sonoro* presente na enunciação discursiva. Essa definição pode ser estendida para as LSs, considerando-se que o plano de expressão dessas línguas se dá, precisamente, no conjunto gestual (verbal) e expressivo (corporal e facial), que tem a entonação expressiva como um de seus elementos.

Dessa forma, o TILSP, por meio de elementos entonacionais, produz sentidos na interação entre o locutor e os interlocutores, pois no fluxo discursivo interpretativo simultâneo, sua compreensão ativa-responsiva na Libras, além do nível linguístico (sistema da língua/prosódia), realiza uma mobilização enunciativo-discursiva, por meio de elementos valorativos e os tons emotivo-volitivos.

O ato interpretativo simultâneo, articulando libras-língua portuguesa, é complexo, pois envolve, além de linguagem(ns) em um determinado gênero discursivo, materializadas em enunciados concretos por sujeitos sócio-discursivos, duas modalidades: a gesto-visual e a vocal-auditiva.

Para Ferreira-Santos (2018), é por meio da entonação que as palavras assumem sentidos. A entonação expressiva é um traço constitutivo presente no enunciado e, por meio da expressividade da pronúncia em um determinado contexto, o enunciado se constituirá. A entonação expressiva é materializada, portanto, em qualquer enunciado. Quando as palavras não conseguem expressar por si, é por meio da entonação que se reconhece a natureza dos possíveis significados que se integram ao contexto (BAKHTIN, 2016).

No ato interpretativo, é a situação social que envolve um enunciado concreto que determina a entonação. É por meio da entonação que o TILSP expressa a avaliação e a compreensão ativamente responsiva com base no discurso do outro (locutor surdo ou ouvinte) e endereça aos destinatários. As manifestações de sentimentos são entoadas expressiva e profundamente por meio de uma palavra eventual, como afirma Volóchinov (2017, p. 235) no seguinte trecho:

[...] às vezes é uma interjeição vazia ou um advérbio. Quase todo mundo tem sua interjeição ou advérbio preferido ou às vezes uma palavra com um conteúdo semântico pleno que costuma usar para uma solução puramente entonacional de situações e emoções cotidianas insignificantes, e às vezes importantes.

Na IS da libras para a língua portuguesa na esfera educacional e/ou acadêmica, os enunciados realizados tanto pelo enunciador em libras como pelo TILSP são únicos e irrepetíveis, como em qualquer situação de enunciação, de produção de enunciados concretos. Ainda que a mesma palestra, aula ou atividade ocorra mais de uma vez, ela será *outra*: haverá produção de sentidos diferentes, a partir de diferentes *temas* (no sentido de Volóchinov).⁹ Tudo vai "depende da situação histórica concreta (histórica em uma dimensão microscópica) na qual [a enunciação] é pronunciada e à qual pertence em essência" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228).

Assim sendo, é possível afirmar que o papel, a importância da entonação expressiva verbal (vocal) e visual (corporal e facial) na produção de sentidos é fundamental em qualquer circunstância enunciativa. Isso significa que no estudo da interpretação simultânea da libras para a língua portuguesa a entonação expressiva precisa ser considerada para que se compreenda um aspecto fundamental da produção de sentidos.

3 Uma análise verbo-visual na interpretação de libras para a língua portuguesa: relações dialógicas

Nesta seção iniciaremos a análise verbo-visual na interpretação de Libras para a língua portuguesa e as relações dialógicas presentes nessa atividade. O recorte desta pesquisa foi realizado no campo da esfera educacional, em um gênero conferência, envolvendo a IS de libras para a língua portuguesa, cercado por heterogeneidade, composição única, repertório e seus próprios objetivos específicos; assim, essa atividade elabora seu "*tipos relativamente estáveis de enunciados*" (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifo do autor).

Dessa forma, esta pesquisa é qualitativa e o critério de análise se dará, fundamentado na teoria dialógica da linguagem — advinda de Bakhtin e do Círculo —, nos estudos da verbo-visualidade e nos ETILS, por meio das escolhas expressivas do intérprete em sua produção, ênfase e alternância dos gestos e movimentos, o que pode ocorrer de forma isolada, isto é, somente uma mudança gesto-corporal ou concomitante com outros gestos.

No excerto analisado estão presentes dois projetos discursivos (libras e língua portuguesa). Nesse contexto, faz-se necessário considerar as vozes sociais presentes nos textos que respondem a outros enunciados e posicionamento valorativo dos sujeitos (locutor e intérprete). O excerto analisado foi proferido pelo palestrante Paulo Vieira (surdo), em língua de sinais, com IS da intérprete C. B¹⁰ no turno de interpretação e com S.C como intérprete de apoio. A palestra é intitulada "Lei Brasileira de Inclusão-LBI" (*II Evento-Libras: Encontros e Desencontro*, UNIFESP/Campus Guarulhos, 2017).

Utilizamos os seguintes materiais e procedimentos para a coleta de dados e análise: três (3) filmadoras e três (3) tripés (coleta de dados); computador; material em vídeo (registro da IS da Libras para o português) previamente autorizado pelo intérprete e pelos participantes¹¹; *software* ELAN; transcrição do discurso da língua de partida (libras); e também a tradução, transcrição do áudio da interpretação para o português e confrontação do texto de partida com o texto de chegada (transcrição e análise).


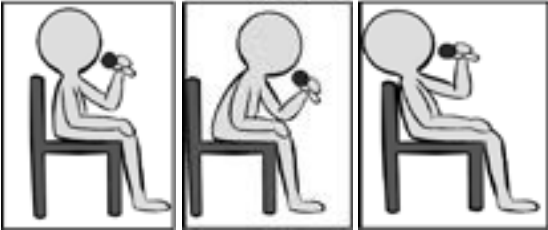







Com a finalidade de considerar e analisar alguns elementos verbo-visuais, foi necessário criar um procedimento de análise gestual do intérprete na atividade interpretativa, constitutiva da dimensão verbo-visual: expressão facial; alternâncias nas expressões faciais; movimento do corpo (movimento realizado pelo intérprete para frente ou para trás, ou lateralmente); movimento(s) da(s) mão(s) e braço(s); movimento(s) realizado(s) pela(s) mão(s) e braço(s):

⁹ Consultar Volóchinov (2017, p. 227).

¹⁰ Iniciais do nome da intérprete.

¹¹ A pesquisa foi autorizada pelas instituições em que os dados foram coletados e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP), com o número de protocolo: 873894.

Quadro 1 – Modelo do procedimento de análise gestual

Unidades Visuais	Imagens da intérprete no momento da escolha da unidade tonal. Escolhas das expressões corporais e faciais no momento da realização da unidade tonal.
Escolha – face corporal	 <p>Expressões faciais</p>
	 <p>Movimento do corpo (para frente/para trás)</p>
	 <p>Movimentos laterais</p>
	 <p>Movimento dos braços e mãos</p>
Padrão face corporal	<p>Ascendente</p> 
	<p>Descendente</p> 
	<p>(desceu o nível expressivo)</p> <p>Ascendente descendente</p> 
	<p>(elevou e desceu o nível expressivo)</p> <p>Descende ascendente</p> 
	<p>(desceu e elevou o nível expressivo)</p> <p>Nível</p> 
	<p>(manteve o mesmo nível expressivo)</p>

Segue recorte do procedimento da transcrição verbo-visual para a realização da análise:

Quadro 2 – Transcrição do enunciado em Libras (Glosa¹²) e em LP

Transcrição do enunciado em Libras (Glosa)		Transcrição do enunciado em Língua Portuguesa	
Libras (língua-fonte)		Língua portuguesa (língua-alvo)	
<ul style="list-style-type: none"> • Imagem do palestrante • GLOSA (palavra-sinal) • Tempo do discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagem da intérprete • Texto da interpretação em português • Tempo da interpretação 		
 <p>GRUPO QUE (GRUPO)</p> <p>Tempo: 12:44:300 a 12:44:500</p>	 <p>eh::: ahh:::</p> <p>Tempo: 12:44:300 a 12:46:500</p>		
 <p>PROFISSIONAL FORMAÇÃO</p> <p>Tempo: 12:44:600 a 12:44:800</p>	 <p>estamos pensando na questão do intérprete, da formação...</p> <p>Tempo: 12:45:600 a 12:49:500</p>		

Fonte: Recorte elaborado por Ferreira-Santos (2021).

Quadro 3 – Transcrição do enunciado em língua portuguesa

Transcrição ¹³ : interpretação para a língua portuguesa	
 <p>TILSP (interpretando) TILSP (apoio)</p>	
<p>"Eh: ahh, estamos pensando a questão do intérprete, da formação desse profissional, e qual é a carga horária dele e como vai si constituir a formação desse profissional eh... hum...tra/ahh... /a horas de trabalho dele. Eu trabalho muitas horas então...eh...eu acredito também que...eh...as pessoas, às vezes, por exemplo um curso de libras com sessenta horas será que DÁ para contemplar as especificidades da língua de sinais pensando no curso de trezentos e... sessenta horas ou sessenta horas? Então são coisas que nós estamos pensando... então na qualidade desse profissional...tá/então não: eh...então, às vezes pensa que o surdo pensa, às vezes as pessoas pensa que o surdo ... que o surdo acaba achando que... sendo grosseiro...mas é uma questão de formação.</p>	

Fonte: Desenvolvido por Ferreira-Santos (2021).¹⁴

¹² Tradução realizada pelo autor correspondente a palavra com sentido próximo na Língua Portuguesa.

¹³ Utilizamos a norma de transcrição para a Língua Portuguesa conforme o modelo realizado por Preti (1999).

¹⁴ Com base na pesquisa de Ferreira-Santos (2018), o quadro foi desenvolvido para este artigo. A transcrição está de acordo com a Norma de Transcrição de PRETI (1999).

Em um determinado gênero de discurso, as relações comunicativas realizadas em uma atividade humana são materializadas por enunciados concretos, por sujeitos sócio-discursivos em situações únicas, irrepetíveis. Ademais, enunciar não significa utilizar apenas linguagem verbal, mas também a linguagem visual, ou seja, outros recursos corporais, gestuais, além de apontamentos, desenhos, gráficos, projetos cênicos, audiovisuais etc., conjunto constituído pela *verbo-visualidade*, em todas as suas dimensões expressivas. De acordo com Brait (2013, p. 44), a verbo-visualidade está presente em textos cuja materialidade e cujo plano de expressão são constituídos verbal e visualmente para a produção de sentidos, impossibilitando a separação para fins de análise:

[verbo-visualidade] dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

Por essa razão, no ato interpretativo, o TILSP, presente em um horizonte valorativo, em uma compreensão ativa e responsiva no fluxo discursivo do enunciado do locutor em libras, produzirá sentidos por meio da mobilização enunciativo-discursiva na interpretação simultânea para a língua portuguesa. Neste fluxo comunicativo, a

Gráfico 1 – Entonação expressiva gesto-visual



Fonte: Ferreira-Santos (2018, p. 172).

A entonação expressiva realizada pelo palestrante em libras influenciou a entonação na IS, pois observamos oscilações na ênfase no discurso sinalizado. Em alguns momentos, o palestrante utilizou ênfase mais moderada e, às vezes, ênfase mais valorativa. Por essa razão, a

entonação expressiva e a verbo-visualidade, presentes na enunciação, são elementos discursivos indissociáveis na produção de sentidos.

Nesta atividade interpretativa simultânea, de acordo com Nascimento (2011), a condição autoral excessiva do intérprete pode causar um distanciamento do discurso da língua de partida, e, também, causar um anulamento do projeto discursivo do locutor, dificultando a produção de sentidos para os destinatários na língua de chegada. Com isso, no ato interpretativo, o intérprete pode suprimir, omitir, tomar o discurso para si; isso significa que as escolhas estilísticas, composicionais ou entravamento na interpretação podem interferir na entonação expressiva, tornando o discurso mais/ou menos apreciativo. A dificuldade no entendimento do projeto discursivo do locutor pelo intérprete, na mobilização enunciativo-discursiva, pode, portanto, comprometer a interpretação.

Deve-se considerar alguns fatores que podem ter comprometido essa entonação expressiva, relacionado à gestualidade da intérprete no ato interpretativo, como: situação efêmera, estilo entonacional do palestrante (entonação expressiva face corporal moderada), o estilo gestual da intérprete, ou seja, a intérprete mais contida em sua expressão gesto-corporal, ou a compreensão do discurso em libras. Segue a entonação expressiva gesto-corporais realizadas pela intérprete no enunciado analisado:

entonação expressiva face corporal teve ênfase moderada na sua materialização gestual e, com isso, influenciou na entonação vocal-gestual.

Figura 1 – Ênfase na enunciação (libras)



Fonte: Ferreira-Santos (2018).

Na libras, as ênfases também estão presentes no nível da sintaxe por meio dos marcadores não-manuais¹⁵ pelo palestrante e indicam determinados tipos de construções enunciativo-discursivas.






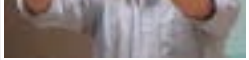




A compressão/ou não das expressões face-corporais realizadas pelo palestrante e ainda, a depender do tom discursivo realizado pelo intér-

prete, podem afirmar, negar ou mesmo destoar da mensagem que está sendo veiculada pela expressão verbal. Observamos como a intérprete mobiliza a materialização dos marcadores não-manuais proferidos pelo locutor em Libras na interpretação simultânea, assim constituindo a autoria no nível discursivo no ato interpretativo:

Quadro 4 – Marcadores não manuais/interpretação

	<p>Palestrante: "Profissional formação então" – Construções com tópico: assunto sobre o qual desenvolveu o enunciado – questionamento sobre a formação do intérprete.</p>
	<p>Intérprete: "Pensando na formação deste profissional": A intérprete compreendeu o assunto abordado pelo palestrante: quantidade de horas e qualidade na formação do intérprete, porém, manteve a entonação menos valorativa vocalmente e gestualmente.</p>

¹⁵ Elementos linguístico-discursivos presentes nas linguas de sinais não realizados pelas mãos.

	<p>Palestrante: Interrogativa “qu”) – sentença interrogativa “que”. Questionando a formação dos intérpretes.</p>
	<p>Intérprete: Não realizou o questionamento, porém, realizou outras escolhas enunciativas (reflexão sobre a formação).</p>
	<p>Palestrante: Sentenças negativas: “não”, com leve movimento da cabeça (marcador não manual) e incorporado ao sinal realizado com a mão esquerda. Negando os cursos com uma carga horária inferior.</p>
	<p>Intérprete: Por falta de compreensão ou pela demanda na interpretação a intérprete optou por não realizar a negação na interpretação.</p>
	<p>Palestrante: “Não” – Sentença negativa: negação utilização as duas mãos abertas e movimento da cabeça incisivo. O locutor posiciona-se com relação a formação do intérprete e não sabe o que os participantes ou os intérpretes pensam sobre isso.</p>
	<p>Intérprete: não realizou a negação na interpretação.</p>
	<p>Palestrante: “Curso de Libras” – Construções com tópico: o locutor retomou o assunto sobre o qual desenvolveu o discurso.</p>
	<p>Intérprete: “curso de libras com [...]”: realiza a retomada do assunto sobre a quantidade de horas no curso de libras conforme o discurso do palestrante, com a expressão vocal e facial de dúvida sobre que o palestrante estava dizendo e com um tom de questionamento.</p>
	<p>Palestrante: “Sim”. Afirmação (afirm.): com movimento da cabeça afirmando que a quantidade de horas tem que ser acima de 360 horas.</p>
	<p>Intérprete: a intérprete não realizou a afirmação na interpretação, por escolha interpretativa: não comprometeu a produção de sentidos.</p>

Fonte: Reelaborado por Ferreira-Santos (2021).

Essas ênfases, no nível sintático, indicam determinados tipos de construções enunciativas na Libras: negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico ou com foco e alguns movimentos face corporais, produzindo assim sentidos no nível discursivo.

No ato interpretativo – único e singular –, o intérprete é o sujeito responsável por realizar a mobilização enunciativa-discursiva entre libras, língua portuguesa e outros elementos verbo-visuais, estabelecendo uma interação social entre os sujeitos presentes. A produção de sentidos, tanto para o intérprete – no

ato ativo e responsivo na interpretação – quanto para os interlocutores que, embora desconheçam Libras, visualizam o discurso do locutor em LSs, é instaurada pelo conjunto dos aspectos verbo-visuais constituídos por meio da libras, da língua portuguesa e, também, pelos elementos visuais.

O intérprete, por meio do enunciado-discursivo vocal tradutório simultâneo, possibilita aos interlocutores a compreensão ativa dialógica dos discursos proferidos em língua de sinais. Outros elementos contribuem para a produção de sentidos, como: signos visuais e sonoros, expressões faciais do palestrante, gestos corporais, cores, figuras, vestimentas, sons etc.

Alguns embates ideológicos estão presentes no discurso realizado pelo palestrante (surdo). O palestrante questiona a qualidade, a formação dos intérpretes de libras e, também, como os surdos reagem ao se depararem com este profissional que possui pouca formação e falta de fluência na libras. Esses embates são realizados por "lacunas desconfortáveis" e pelas "práticas transgressoras" por meio da atividade de interpretação e de tradução da língua, pois o protagonismo da comunidade surda e as situações emergenciais de comunicação com outros interlocutores determinaram a necessidade destas atividades (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

As reflexões realizadas pelo palestrante quanto à formação dos TILSP instauram uma posição ativamente responsiva, dirigida aos intérpretes e interlocutores presentes no ambiente discursivo. Bakhtin (2016, p. 24-25), em relação a uma real comunicação discursiva, afirma:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, prepara-se para usá-lo, etc.; às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

As vozes políticas e, também, as dos sujeitos surdos, estão atravessadas no discurso do palestrante, pois o locutor da palestra é surdo e assessor parlamentar de uma deputada federal. O discurso é uma resposta a outros enunciados constituídos social, cultural e historicamente na comunidade surda. Ademais, presentes também o protagonismo

da comunidade surda e como esse movimento tem propiciado políticas públicas inclusivas e o acesso dos surdos e da Libras nos ambientes educacionais e, igualmente, em diversas esferas de produção de discurso, sejam públicos ou privados.

Essas situações emergenciais de comunicação contribuíram para o movimento político de formação e para fomentação de curso de tradução e interpretação libras-português em diversas instituições (ALBRES, 2011, 2015; DINARTE; RUSSO, 2015; MARTINS; NASCIMENTO, 2015; NASCIMENTO, 2011, 2012, 2016; SANTIAGO, 2016; SOBRAL, 2008). No entanto, os cursos, em sua maioria, são generalistas e apresentam uma carga horária inadequada com a função exercida, com necessidade de uma formação específica e uma abordagem mais ampla sobre as questões de língua, linguagem, teorias e práticas interpretativas.

Por meio da atividade de interpretação, o profissional TILSP proporciona à pessoa surda o conforto linguístico, além de possibilitar a mobilização dos conhecimentos específicos que somente é possível por meio da formação, pela fluência na língua de sinais e no contato com a comunidade surda. A pesquisa de Santiago (2015, p. 4) analisa a perspectiva do surdo sobre esses profissionais, com o objetivo do entendimento dos discursos de alguns surdos e as concepções sobre os intérpretes de Libras envolvendo relações de alteridade e identidades:

[...] temos o intuito de aproximar as questões identitárias inerentes à comunidade surda e sua relação com os Tradutores/ Intérpretes que servem à essa comunidade e se servem dos artefatos culturais dessa mesma comunidade para construir sua identidade, de certa forma por meio de uma relação de "simbiose", por assim dizendo, uma relação alteritária, que o possibilita apreender o outro, sobretudo, na sua diferença, entendimento esse que habilita o Tradutor/ intérprete a exercer sua profissão.

Ao enunciar, o indivíduo se torna um sujeito social, dentro de uma rede de discursos, que envolve a relação de alteridade e embates. O sujeito está situado em uma arena de vozes, num emaranhado de teias discursivas presentes na comunidade surda, e o intérprete, ao realizar a mobilização enunciativo-discursiva da LP para a Libras, posiciona-se valorativamente e cria uma outra autoria.

4 Um olhar dialógico para a autoria verbo-visual nas interpretações da libras para a língua portuguesa

Na IS, as intérpretes de libras, no momento do ato interpretativo, procuraram, por meio do projeto discursivo dos palestrantes (em libras), endereçar suas mobilizações enunciativo-discursivas aos interlocutores por meio da entonação expressiva (vocal/ gesto-corporal) em seu discurso em língua portuguesa. Observamos marcas autorais presentes no trabalho em equipe por meio da atuação da intérprete de apoio.

A intérprete de apoio, no gênero palestra, tem a função de auxiliar a compreensão do intérprete que está realizando a interpretação. A atuação do intérprete de apoio português – libras é assim descrito por Albres e Santiago (2012, p. 52):

No caso dos intérpretes de Língua de Sinais, em conferências, sua posição [intérprete de apoio] é aparente, pois fica de frente para o público e ao lado do conferencista. Também deve trabalhar em dupla. Enquanto um desenvolve a função de intérprete da vez o outro deve sentar-se à frente e trabalhar como intérprete de apoio. Fica observando a interpretação e caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retornar à interpretação.

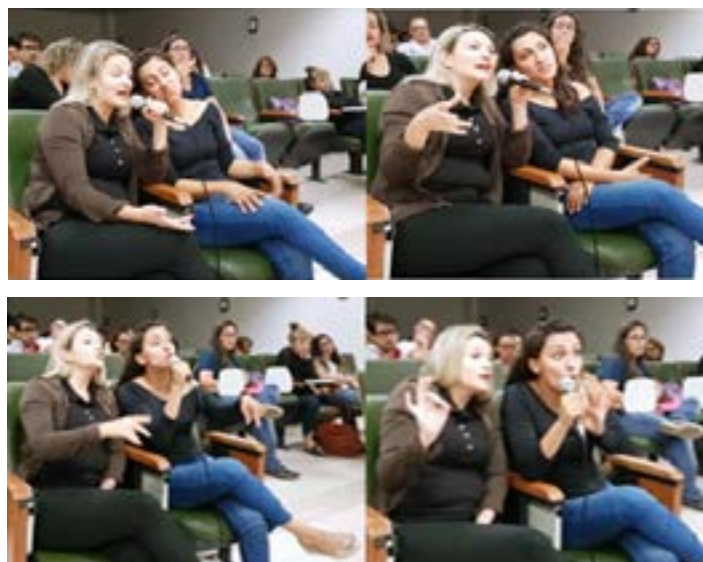
Na interpretação simultânea, a autoria também se constitui na inter-relação verbo-visual entre os intérpretes da equipe, produzindo sentidos e efei-

tos de sentidos. Em uma conferência, o auxílio do intérprete de apoio na IS possibilita a compreensão de elementos discursivos que não foram compreendidos pelo intérprete que está realizando a interpretação. Neste ato interpretativo, o intérprete de apoio é o sujeito responsável por colaborar com o trabalho do parceiro, necessitando estar atento aos dois discursos: o do locutor e o do intérprete (interpretação). Nesse sentido:

Nessa perspectiva, ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função "ativa" continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se "desligar" do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara (NOGUEIRA, 2016, p. 87).

Na modalidade de interpretação aqui observada, libras – língua portuguesa, a intérprete de apoio senta-se ao lado da intérprete que tem o turno de interpretação e ambas ficam frente à palestrante (locutor) e de costas para o público. Em determinados momentos, por solicitação ou por achar necessário, a intérprete realizara o apoio tanto verbalmente como gestualmente, com expressões faciais muito semelhantes, movimento da mão, posição de mão, e posicionamento do corpo, contribuindo para a interpretação e para a autoria da intérprete no ato interpretativo (turno):

Figura 2 – Equipe de intérpretes/verbo-visualidade



Fonte: Elaborado por Ferreira-Santos (2018, p. 174).

Esses elementos linguísticos e extralinguísticos compõem a *dimensão verbo-visual do enunciado*, desempenhando assim, conforme Brait (2013, p. 44), já citada anteriormente:

[...] papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separados, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

De acordo com o que explicam Brait e Melo (2008), esse olhar para o enunciado concreto, unidade integradora de enunciados, significa, desde uma perspectiva dialógica, considerar o conjunto verbo-visual intrínseco e os elementos que o englobam. A produção de sentidos é materializada verbalmente, por meio do discurso vocal e das expressões faciais e corporais valorativas. Por essa razão, continuando com o pensamento de Brait (2013), as dimensões (interna/externa) necessitam ser consideradas, de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entonativas, axiológicas) enquanto possibilidade na compreensão da vida, da sociedade, e responder a elas.

Algumas marcas autorais do palestrante podem ser observadas na gestualidade da intérprete, constituindo a verbo-visualidade na enunciação:

Figura 3 – Incorporação/verbo-visualidade



Fonte: Elaborado por Ferreira-Santos (2018, p. 178).

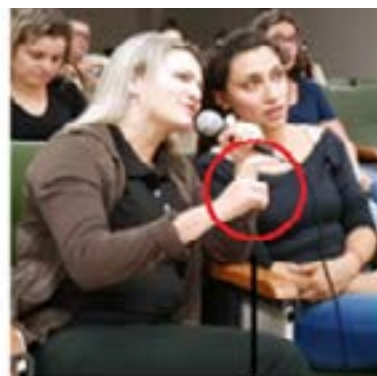
As imagens da palestrante conferem o tom discursivo enfático (político-polêmico) em libras e apresentam marcas entonacionais, elevação e acento na produção do sinal, e, assim, na interpretação, essas marcas são incorporadas por meio da entonação vocal e na gestualidade.

Outro elemento verbal utilizado e materializado na dimensão verbo-visual por meio da interpretação pode ser observado: marcas enunciativas entonacionais realizadas pelo palestrante em libras, reproduzidas simultaneamente por meio da produção vocal e da incorporação gestual. Vejamos:

Figura 4 – Incorporação/verbo-visualidade



Configuração de mão: número 5



Configuração de mão: número 5

Fonte: Elaborado por Ferreira-Santos (2018, p. 178).

As imagens revelam o momento em que a palestrante enuncia o sinal de "cinco" (numeral). A intérprete, na interpretação simultânea vocal para língua portuguesa, incorpora gestualmente e com uma expressão facial que se aproxima do palestrante, realizando o mesmo sinal com a mão esquerda.

Concordando com Faraco e Negri (1998), e transpondo suas afirmações para o texto verbo-visual analisado, é possível observar que os sujeitos sociais envolvidos no gênero palestra focalizado assumem, nesse contexto, uma posição verbo-visual-axiológica, pois estão em uma arena de vozes, em um ambiente dialogicamente agitado e repleto de tensões das vozes sociais atravessadas pelos discursos políticos, polêmicos e com tons irônicos proferidos pelos palestrantes e mobilizado por meio das intérpretes.

O intérprete de libras, nessa atmosfera heteroglótica, plurilingue, pluridiscursiva, tem como objetivo realizar a mobilização enunciativo-discursiva entre duas línguas, conferindo sentido ao projeto discursivo do locutor proferido em libras por meio da interpretação em língua portuguesa. A produção de sentidos nessa mobilização só será possível pela relação da compreensão ativa-dialógica com a posição verbo-visual-axiológica, presentes na entonação expressiva verbal e face-corporal do intérprete atuante, com o auxílio do intérprete de apoio, constituindo a autoria na interpretação simultânea.

Considerações finais

O ato interpretativo simultâneo da libras para a língua portuguesa, por si, já é bastante complexo, na medida em que envolve duas línguas de modalidades diferentes: uma visual e outra vocal. Além disso, em uma situação concreta, o ato interpretativo se dá, necessariamente, a partir de um gênero discursivo, significando que o intérprete, além do domínio das duas línguas envolvidas, tem de ter "familiaridade" com o gênero em que as línguas se materializam. Essa produção de enunciados concretos, por sua vez, acontece entre sujeitos sócio-histórico-discursivos que se encontram em ambientes heterogêneos, dialogicamente agitados, ou seja, repletos das tensões das vozes sociais que se cruzam, atravessadas por diversos e, muitas vezes, polêmicos discursos. Cabe ao intérprete de libras administrar esse complexo linguageiro-social, articulado linguística, enunciativa e discursivamente, repleto de nuances e variados tons.

Considerados esses aspectos, a hipótese que guiou este artigo é a de que o intérprete de Libras não é simplesmente um elemento de ligação entre duas línguas, um elo neutro de passagem entre duas enunciações. Muito ao contrário, considerando-se que existe uma relação viva, dialógica, entre uma enunciação de partida, uma fonte enunciativa, e uma enunciação de chegada, é possível afirmar que a interpretação, o ato interpretativo, é um modo de ler/ver/ouvir enunciados em dado contexto, chegando ao ouvinte/espectador de modo coerente/ou não e posicionado. Como se observa a partir da análise do *corpus*, a intérprete revela seu posicionamento verbo-visual-axiológico nesta mobilização enunciativo-discursiva que é a interpretação simultânea da libras para a língua portuguesa.

Focando o olhar na entonação como um dos elementos capazes de traduzir esse posicionamento axiológico, autoral, em ambas as línguas, evidencia-se a expressividade face-corporal como um elemento suprasegmental muito importante e significativo na produção de sentidos no ato interpretativo. A compreensão na interpretação de libras para a língua portuguesa, por parte do intérprete, como foi possível verificar, pode comprometer o projeto discursivo realizado pelo palestrante em libras. Nessa mobilização, o objetivo do intérprete e libras é realizar um discurso interpretativo congruente e que se aproxime da ênfase valorativa por meio da entonação expressiva realizada pelo locutor em LP. O intérprete de libras realiza um jogo expressivo sonoro e face-corporal e, assim, revela sua autoria, sua participação decisiva no enunciado concreto formado pelo evento de linguagem como um todo.

Durante o processo de análise, foi possível observar que, na IS de libras para a língua portuguesa – atividade dialógica complexa –, o posicionamento verbo-visual-axiológico e a produção de sentidos do intérprete são constituídos na compreensão ativamente responsiva. Essa compreensão é duplamente ativo-responsiva: em relação ao enunciado que ele interpreta e em relação ao auditório que depende dele para a compreensão, para o acesso a sentidos

e efeitos de sentido. Por essa razão, o intérprete, sujeito constituído socialmente por meio da linguagem e pelas inter-relações na dimensão da alteridade, com algumas dificuldades, realiza um discurso interpretado (língua de chegada) por meio da compreensão ativamente dialógica, refletindo e refratando as vozes sociais presentes no enunciado, por meio do posicionamento valorativo, com o objetivo de manter o sentido do projeto discursivo (língua de partida). Nesse ambiente plurilinguístico e heterogêneo, a mobilização enunciativo-discursiva é constitutivamente verbo-visual, envolvendo o *linguístico* e o *extralinguístico*.

Assim, o intérprete de Libras deve ser considerado como um autor, pois, por meio do estilo, do conteúdo temático, e da composição no ato enunciativo-discursivo, ele compreende e interpreta ativamente, posicionando-se verbo-visual-axiológicamente e constituindo, dessa forma, sua assinatura, sua autoria na interpretação simultânea da libras para a língua portuguesa. Espera-se que a discussão sobre a atividade interpretativa da libras para a língua portuguesa colabore com os ETILs e com a formação dos tradutores e intérprete de libras.

Referências

- ALBRES, Neiva; SANTIAGO, Vânia. A. A. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre modalidades de interpretação - simultânea e consecutiva. *Espaço*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 51-59, jul. 2012. <http://dx.doi.org/10.20395/re.v0i38.193>
- ARÁN, Pampa Olga. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, p. 4-25, jan./jul. 2014. Edição especial.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 3-20.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*; Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. Enunciado / Enunciado Concreto / Enunciação In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.
- CHRISTOFFELS, Ingrid. K.; DE GROOT, Annet. M. B. Simultaneous interpreting: a cognitive perspective. In: KROLL, J. F.; DE GROOT, Annet. M. B. (eds.). *Handbook of Bilingualism: psycholinguistic approaches*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 454-479.
- DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues; RUSSO, Angela. Tradução e interpretação de língua de sinais no contexto da pós-graduação: problematizando posições. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 174-196, jul./dez. 2015. Edição especial.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 37-60.
- FARACO, Carlos Alberto; NEGRI, Ligia. O falante: que bicho é esse, afinal? *Revista Letras*, Curitiba, n. 49, p. 159-170, 1998.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.
- FERREIRA-SANTOS, Ricardo. *A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- GILE, Daniel. Interpreting studies: a critical view from within. *MonTI*. Alicante, Espanha, n. 1, p. 135-155, 2009.
- GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. *Intonation Systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MARTINS, Vanessa Regina de O.; NASCIMENTO Marcus Vinicius B. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 78-112, jul./dez. 2015. Edição especial.
- NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. *Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas. *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n. 24, p. 79-94, 2012.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. *Interpretação da língua brasileira de sinais para o português a partir do gênero jornalístico televisivo*: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência*: uma descrição do trabalho de equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH-USP, 1999.

SANTIAGO, Vânia. Aquino. Albres. O olhar dos surdos sobre os intérpretes de libras: alteridade e identidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 1., 2015, Uberlândia. *Anais* [...]. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. p. 1-15.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. *Tradução/Interpretação de língua de sinais no Brasil*: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. 2013. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SKLIAR, Carlos. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. In: SKLIAR, Carlos; CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini (org.). *Educação & exclusão*: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SOBRAL, Adail. *Dizer o "mesmo" a outros*: ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos*: vestígios culturais não registrados na história. 2008. Tese (Doutorado em Educação e Processos Inclusivos) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Ricardo Ferreira Santos

Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil. Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), em Suzano, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Ricardo Ferreira Santos

Av. Mogi das Cruzes, 1501

Parque Suzano, 08673-010

Suzano, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.